

Entrevista a Urbano Tavares Rodrigues

JOÃO MARQUES LOPES

Universidade de Lisboa



Dia 15 de março de 2010. No seu apartamento da Rua Tomás Ribeiro, em pleno centro de Lisboa, Urbano Tavares Rodrigues acolhe-nos gentilmente para esta entrevista. Nem os problemas cardíacos e visuais que praticamente o confinam à casa nem a idade avançada de oitenta e seis anos têm impedido o escritor de continuar a escrever e a publicar.

Assim se esvai a vida. Três livros num só, lançado no passado mês de Fevereiro, é a sua obra mais recente. Está composta por uma novela, que dá o título ao livro, pelos contos de “Os olhos do demónio e outros contos” e pelas memórias, reflexões e poemas de “O cornetim encarnado”. Quando questionado sobre o cunho autobiográfico de parte da personagem Felisberto Roxo (o escritor progressista e antifascista da novela *Assim se esvai a vida*), Urbano confirma e acrescenta: “Além desta última obra, o meu livro mais autobiográfico talvez seja *Exílio Perturbado*. Tem muito a ver comigo, sobretudo aquela personagem, o Manuel.”

A propósito dos inícios da sua carreira de ficcionista, ocorridos com os contos e novelas de *Porta dos limites* (1952), *Vida perigosa* (1955) e *A noite roxa* (1956), guarda a memória de uma recepção que o leu em termos existencialistas: “O João Gaspar Simões fez uma crítica fabulosa. Falava em obra-prima a propósito de alguns contos de *A porta dos limites*. E falou nisso. De facto, há fortes tendências existencialistas nesse livro, mas há também uma tentativa discreta de conciliar existencialismo e marxismo, porque existe uma consciência social bastante viva.” De passagem, Urbano aproveita para desmistificar que o hedonismo e o erotismo logo patentes nestas suas primeiras obras possam ser contrários a uma aproximação ao marxismo: “Isso é uma ideia estalinista”, remata o escritor.

No capítulo das influências e filiações literárias, o escritor responde: “Creio que a minha foi sempre uma prosa poética, onde houve uma mescla de influências do Teixeira-Gomes e do surrealismo francês, que contribuiu muito para a construção da minha escrita. Por outro lado, há influências que vão surgindo com o tempo, não vêm

todas em simultâneo. Primeiro, tive essa influência do surrealismo e, depois, à medida que os vou conhecendo, o Garcia Lorca e o Octávio Paz.” E é peremptório no descarte de qualquer influência directa do neo-realismo português: “Quanto aos escritores portugueses, além do Teixeira-Gomes, fui influenciado pelo Aquilino Ribeiro, que li desde muito novo, e pelo Raúl Brandão do *Húmus*, no seu dolorismo e no seu próprio processo de escrita. Eu nunca fui influenciado pelo neo-realismo. Era amigo dos neo-realistas e partilhava com eles uma literatura de resistência. Pelo lado da escrita, tinha afinidades com alguns, como o Carlos de Oliveira e o Manuel da Fonseca, mas mais no que eram eles próprios e menos neo-realistas. É que eu não tinha a preocupação do sujeito colectivo, que era algo muito particular do neo-realismo. No entanto, às vezes, aparecia algo dessa preocupação, já, por exemplo, numa novela da *Noite Roxa*, que se passa no Alentejo, ‘Jornada sem regresso’, onde há muitas marcas de literatura social.”

Concordando com a ideia de que, nas suas obras ficcionais, o cruzamento da dimensão existencial do indivíduo com o contexto sócio-político nunca anula a pessoa no colectivo, Urbano relembra o caso de *Bastardos do sol* (1959), o seu primeiro romance: “No fundo, os *Bastardos do Sol* são os camponeses alentejanos, mas são também o Delfino e a Irisalva. Portanto, há uma busca de conciliar uma visão intimista, psicológica e uma relação do eu ao mundo com preocupações sociais cada vez mais fortes. Algo que coincide até certo ponto com alguns livros de neo-realistas como o Carlos de Oliveira e o Manuel da Fonseca.”

Conforme é sabido e como aconteceu com outros escritores, intelectuais e muitos milhares de cidadãos, Urbano Tavares Rodrigues empenhou-se com a campanha do general Humberto Delgado à Presidência da República em 1958. Na sequência desse apoio, em Outubro de 1959, foi sumariamente demitido do cargo de professor que ocupava na Faculdade de Letras de Lisboa, onde leccionava cadeiras de Literatura Francesa e de Literatura Portuguesa. Sem pertencer à época ao clandestino PCP

ou a qualquer agrupamento partidário, Urbano começou então a ligar-se decididamente aos meios oposicionistas e à maioria das acções mais subversivas contra o regime fascista. Em Março de 1959, esteve ligado à Revolta da Sé que juntou civis e militares numa intentona abortada antes de eclodir pela PIDE. Em 1961, participou igualmente no sector civil que apoiou o fracassado assalto ao quartel de Beja levado a cabo pelo coronel Varela Gomes e que previa trazer o general Humberto Delgado para chefiar este levantamento cívico-militar. Integrou as Juntas de Acção Patriótica, movimento unitário e antifascista que se prolongou por anos. Obviamente, os dissabores decorrentes desse seu empenhamento cívico foram graves e frequentes. Em 1961, 1963 e 1968, sucessivamente acusado de subscrever manifestos subversivos, de integrar as Juntas de Acção Patriótica e de pertencer ao PCP, Urbano foi detido pela PIDE e passou por torturas, pelo isolamento e por várias cadeias.

E, obviamente, isso reflectiu-se nas suas obras de ficção da década de 1960. Entre outros livros, os romances *Os insubmissos* (1961) e *Exílio perturbado* (1962), bem como a novela e os contos incluídos em *Imitação da felicidade* (1966), deram então conta dessa literatura de resistência, mas não fizeram esquecer a capacidade de transfiguração ficcional e de efabulação. Por um lado, *Imitação da felicidade* foi apreendido pela PIDE, visto “haver no livro não só referências directas à juventude sacrificada na guerra colonial desenvolvida pelo regime contra os povos africanos e ao impacto dessa situação sobre as famílias que ficavam em Portugal, mas também um conto sobre um preso político libertado há pouco das prisões fascistas, algo que aparecia um pouco disfarçado”. Por outro lado, a pura invenção literária produziu essa fabulosa personagem mitómana que é a Laure de *Exílio perturbado*: “Tirei-a inteiramente da minha imaginação”, afirma-nos o escritor quando o questionamos sobre a origem dessa intrigante figura.

Confrontamos Urbano com um texto por si escrito para um livro de homenagem aos cinquenta anos da sua carreira literária: “[...] escrevi “a fogo” na década de 70 três livros por vezes quase radicais: *Viamorolência*, *As pombas são vermelhas*, e o romance *Desta água beberei*, obras que representam de algum modo uma crónica épico-lírica do fim da Revolução, com uns pós (talvez) de romantismo, mas com bastante experimentação à mistura: intertextualidade, colagens, sonhos, arranjos gráficos na página visando leituras segundas...” (in *Urbano Tavares Rodrigues. 50 anos de vida literária*, org. de José da Cruz Santos, Porto, Edições Asa, 2003, p. 12). Ao comentar este seu trecho que chama a atenção para a vertente formal destas obras dos anos 70 que a crítica tende a considerar mais circunstanciais, afirma: “Sempre me preocupei muito com a questão formal e essa preocupação

foi sempre crescendo. Procurei arranjar novas formas de narrar, formas mais expressivas. Desde cedo, dei-me conta que era impossível escrever à Balzac, que havia uma escrita naturalista que tinha de desaparecer, pois ela já estava feita e bastante bem feita por outros há muito, e era legítimo procurar processos novos para comunicar uma realidade”.

Em relação ao romance *Violeta e a noite* (1991), cuja leitura é bastante dolorosa no seu cruzamento de erotismo, sexo, amor, ciúme e teias de relações socio-históricas com uma situação tão limite quanto a da personagem central sofrendo de um cancro nos testículos já em estado terminal, o escritor refere: “Acho que é doloroso, de facto. É o livro mais duro que eu escrevi e parece-me muito bem conseguido. O Tabucchi disse-me que considerava o romance uma obra-prima como estrutura.” Acrescentou ainda que um dos seus últimos livros, o romance *Ao contrário das ondas* (2006), também vai no mesmo sentido de uma dureza existencial difícil de suportar.

Antes de terminarmos a entrevista com perguntas acerca da relação de Urbano com a literatura brasileira, abordámo-lo a respeito da génese e desenvolvimento do processo de criação das suas obras ficcionais: “Às vezes, acontece começar tudo com a intriga, outra vez com as personagens e até já me aconteceu ser com o título. No entanto, o mais normal é surgir primeiro a intriga e, depois, vêm as personagens”.

Sobre a literatura brasileira: “A minha relação foi muito profunda. Houve um período da minha vida em que li imensos escritores brasileiros e até ignorava que eu também era lido lá, como, por exemplo, pelo Samuel Rawet, um prosador de origem judaica com imenso talento. Li toda a Clarice Lispector. Toda a Lígia Fagundes Telles. Li muito o Dalton Trevisan. Na poesia, o Manuel Bandeira, o Carlos Drummond de Andrade, de quem gosto imenso. Também o Ledo Ivo, que, aliás, conheci quando eu vivia em Paris e ele também estava na capital francesa. Gosto igualmente do Vinicius de Moraes. Também do Chico Buarque, de quem aprecio quer a poesia quer a prosa. Claro que nem todos os escritores brasileiros me entusiasмам tanto. Por exemplo o Nelson Rodrigues, embora seja um autor de certo modo característico”. E quanto aos romancistas nordestinos e regionalistas de 30, que tanta voga tiveram em Portugal? “Li bastante bem... O Graciliano. O Lins do Rego. Com o Jorge Amado tive uma grande amizade e convívio, tanto no Brasil como depois em França, onde ele tinha um estúdio no Marais, quase a olhar para o Sena e para a *Île Saint Louis*. Conheci bem o Erico Veríssimo, que veio cá a Portugal várias vezes. Mantivémos um contacto afectuoso. Mais tarde, estive na casa dele no Brasil, sentei-me na cadeira onde ele costumava escrever os livros e entreguei-lhe uma cartas

que me havia enviado, de modo a que fossem parar ao seu espólio.” De resto, Urbano Tavares Rodrigues, que se recorda ainda de, na qualidade de jornalista do *Jornal de Artes e Letras*, ter coberto na ilha grega de Corfu o Prémio Literário Europeu de 1963 em que por vez primeira o rosiano *Grande sertão: veredas* foi proposto para vencer o certame, é inclusive sócio-correspondente da Academia Brasileira de Letras desde os anos 80: “Fui convidado. Creio que fui proposto pelo Jorge Amado e pelo Florestan Fernandes”.

E assim terminou a entrevista com Urbano Tavares Rodrigues. Autor de uma extensa obra ficcional e ensaística galardoada, entre várias outras distinções, com o importante Prémio Vida Literária da Asso-

ciação Portuguesa de Escritores (2002), com muitos dos seus livros traduzidos para a maioria das principais línguas do campo literário internacional. É também Professor Catedrático aposentado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde se doutorou com uma tese sobre *Manuel Teixeira-Gomes: o discurso do desejo*. Como curiosidade para o leitor brasileiro, diga-se que o escritor publicou o livro *Présentation de Castro Alves* (1954) ao tempo em que residia em França e que alguns dos seus livros foram igualmente editados no Brasil.

Recebido: 10 março de 2010
Aprovado: 12 abril de 2010